v. 34, n. 2, p. 103–126, 2026
ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.34.2.103–126
Submetido em: 16/09/2025 · Aprovado em: 11/06/2026

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

O espectro de Ubu: Donald Trump e a emergência do discurso ubuesco no século XXI

The Specter of Ubu: Donald Trump and the Emergence of the Ubuesque Discourse in the 21st century

Yuri Rezende Taraciuk
Pesquisador independente
yuritaraciuk@outlook.com
https://orcid.org/0009-0000-5759-6878

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a emergência do discurso de extrema-direita de Donald Trump a partir da noção de discurso ubuesco. Para isso, o artigo foi dividido em três seções: a conceituação do discurso ubuesco; a análise dos *posts* (*tweets*) de Donal Trump durante o período de sua campanha presidencial de 2024 e nos cem primeiros dias de seu mandato em 2025; e, por fim, o delineamento da emergência do discurso ubuesco no século XXI. Além de explorar o conceito de "ubuesco", esta investigação visa também apresentar um esquema simplificado para análises genealógicas, contribuindo para a construção de pesquisas sensíveis à heterogeneidade dos processos históricos e capazes de diagnosticar o presente de modo amplo e aprofundado.

Palavras-chave: ubuesco; discurso; genealogia; extrema-direita; Donald Trump.

Abstract: This article aims to analyze the emergence of Donald Trump's far-right discourse through the concept of ubuesque discourse. To this end, the article is divided into three sections: the conceptualization of ubuesque discourse; the analysis of Donald Trump's posts (tweets) during his 2024 presidential campaign and the first 100 days of his 2025 term; and, finally, the examination of the emergence of ubuesque discourse in the 21st century. In addition to exploring the concept of "ubuesque",

This work is licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International License. To view a copy of this license, visit http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/ or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

this investigation also seeks to present a simplified framework for genealogical analysis, contributing to the development of research sensitive to the heterogeneity of historical processes and capable of diagnosing the present in a comprehensive and in-depth manner.

Keywords: ubuesque; discourse; genealogy; far-right; Donald Trump.

1 Introdução

No início do século XX, a Europa, com destaque para a Itália e a Alemanha, foi palco da emergência de uma série de discursos de cunho ultranacionalistas, autoritários, antiliberais, anticomunistas e racistas. Se, por vezes, alega-se que era impossível para os italianos e alemães da época terem consciência das consequências do fascismo e do nazismo, pois elas eram doutrinas políticas novas, o mesmo não pode ser dito sobre a popularização dessas ideias no século XXI. Nesse sentido, a emergência de discursos dessa natureza um século depois, corados com a eleição de figuras autoritárias em diversos países, levanta algumas questões sobre o modo como a história se movimenta, isto é, se ela avança, regride ou se repete. Além disso, outra pergunta que esse acontecimento suscita é: *como o indizível se torna dizível?*

De maneira mais precisa, a pergunta que se apresenta busca explicar como ideias consideradas ultrajantes e violentas por certos setores da sociedade há poucos anos tenham saído do espaço limitado de alguns grupos para ganharem repercussão pública e se tornarem parte fundamental do discurso de líderes mundiais. O absurdo e o grotesco, ou melhor, o *ubuesco*,[1] não apenas passaram a ser aceitos, mas se tornaram o palco central da política contemporânea. Por essa razão, o adjetivo derivado do personagem da peça *Ubu rei*, escrita pelo dramaturgo francês Alfred Jarry e apresentada em 1896, serve bem ao caso, pois a natureza obscena, cruel e ridícula do personagem título — que na peça assume o trono da Polônia através do regicídio e implementa um governo de terror estúpido e brutal — descreve de forma precisa o atual cenário político, econômico e cultural.

Tal descrição não se baseia em meras analogias com a peça de Jarry, mas na ideia de que existem discursos[2] que podem ser pensados como propriamente ubuescos. Elaborado por Foucault (2010b), mas logo abandonado, o conceito de discurso ubuesco se refere a uma

[1] O *itálico* foi utilizado em três casos, eles são: 1) Para termos em outros idiomas; 2) Para realçar conceitos e nomes; 3) Para jogar com o sentido de certas palavras, reservando as aspas para citações diretas. É possível entender o sentido do uso a partir do contexto.

[2] Os conceitos de *discurso*, *poder* e *sujeito* são compreendidos em perspectiva foucaultiana (2005, 2014, 2015), sendo: o *discurso* uma prática social e histórica que se refere a um conjunto de enunciados — cujo sistema de dispersão e regularidades constitui uma formação discursiva — que produzem e organizam os modos de pensar, falar e compreender a realidade; o *poder* uma rede de relações de força que perpassa diferentes dimensões sociais, constituindo a formação de discursos, saberes, objetos e subjetividades; e o *sujeito* uma construção histórica produzida pelas práticas discursivas, relações de poder e da própria agência dos indivíduos situados em um determinado contexto histórico-material.

categoria de discursos que funcionam com base na "maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz" (Foucault, 2010b, p. 11). O terror ubuesco, o poder que transmite seus efeitos não *apesar* do grotesco e do ridículo, mas *através* dele, não é mero fruto de um acaso histórico, nem mesmo um elemento estranho às estruturas do poder político, mas uma mecânica própria da soberania arbitrária que se autoconcede o direito de matar e de estabelecer a verdade, ao mesmo tempo em que ri de si mesma. Com base nessas ideias, a investigação busca compreender a emergência do discurso de extrema-direita de Donald Trump a partir da noção de discurso ubuesco.

Para isso, esta análise se divide em três partes. Na primeira, o objetivo é conceituar o discurso ubuesco e definir algumas propriedades básicas que o compõem, tomando como exemplo uma fala de Benito Mussolini. Em seguida, essas definições são utilizadas como base para analisar os *posts* (antigos *tweets*) de Donald Trump na plataforma *X* (antigo *Twitter*) no período que compreende a sua campanha presidencial de 2024 e os cem primeiros dias de seu mandato em 2025.[3] A escolha de focar a análise em Donald Trump se baseia na sua posição como presidente da maior potência econômica e militar do mundo, sendo um dos maiores expoentes políticos da extrema-direita contemporânea, e também porque sua eleição é, no momento da escrita deste artigo, o caso mais recente a ser analisado. Ademais, as razões de centrar esta investigação em *posts* decorre do fato de que Trump é um usuário ativo da rede social *X* e também porque, ao contrário de outras redes focadas em vídeos e fotos, um dos principais conteúdos das postagens nessa plataforma são textos. Por fim, o estudo delineia uma breve genealogia da emergência do discurso ubuesco no século XXI, propondo uma sistematização de categorias de análise que possam servir como princípios básicos para futuras investigações das condições de possibilidade que engendraram o surgimento de diferentes discursos.

Em suma, pode-se dizer que um dos principais objetivos deste artigo é, também, apresentar um esquema simplificado para análises genealógicas que contribua para a construção de pesquisas sensíveis à heterogeneidade dos movimentos históricos. A ideia foi fugir de perspectivas que veem a história de maneira cíclica ou linear, afirmando, em contrapartida, que mesmo que determinados acontecimentos do presente possuam similaridades com eventos do passado, como formas de *rimas históricas*, esses acontecimentos são, na realidade, produzidos por condições de possibilidade específicas que não podem ser repetidas. Adiantando a resposta para o problema levantado na abertura deste texto: a história não se repete e nem regride, mas avança em fluxos dissonantes.

Enfim, vale dizer que este artigo não pretende traçar táticas de enfrentamento ao discurso ubuesco, pois, se isso fosse simples, certamente a influência da extrema-direita mundial não estaria em ascensão. Sendo assim, esta análise se insere no conjunto de outras pesquisas que buscam diagnosticar as diferentes dimensões desse acontecimento a fim de pensar em formas de resistência ou no fortalecimento de práticas em vigor hoje.

2 Ubu na Europa e em Lugar Nenhum

Coroado após covardemente matar o rei da Polônia, Pai Ubu realiza seu primeiro ato real: distribuir ouro e carne para a população. No entanto, a covardia do assassinato não se refere à

[3] O discurso de posse presidencial e a carta anunciando a taxação sobre produtos brasileiros também são citados.

traição contra o rei Venceslau, que o tinha como um fiel fidalgo, mas por realmente se acovardar diante do golpe e buscar abrigo nas costas do Capitão Bostadura. Como se isso não fosse suficiente para manchar a imagem do novo rei, seu primeiro gesto real também não teve como motivação qualquer tipo de benevolência para com o povo; ao contrário, ele precisou ser convencido, por meio dos impropérios da Mãe Ubu e dos conselhos de Bostadura, a fazer alguma generosidade, se não as pessoas se recusariam a pagar impostos. Além disso, o pouco de ouro e carne que Ubu aceitou ceder ao povo também serviria para saciá-lo (Jarry, 2021). É nesse momento, movido pela covardia, violência, ganância e burrice, que se inicia o reinado grotesco de Ubu.

Tamanha foi a fama de seu reinado por conta dessas características que o nome de Ubu se tornou um adjetivo para condensá-las em uma única palavra: *ubuesco*. Sob o terror ubuesco, a Polônia, também chamada de Lugar Nenhum na peça de Jarry, foi palco de eventos que apenas confirmaram (e adicionaram) mais características a esse termo. A traição daqueles que o ajudaram a tomar o poder; o assassinato e confisco de bens; a imposição e triplicação de impostos sobre renda, propriedade, comércio, casamentos e morte (com destinação de metade dos valores para Ubu); a declaração de guerra contra a Ucrânia sem o investimento de qualquer moeda da sua fortuna para o exército; além de ideias estapafúrdias como os esquemas para fazer sol e afastar a chuva — esses foram os atos que marcaram o reinado de Ubu em seus primeiros dias. Contudo, o ubuesco possui outra característica que o define fundamentalmente: Ubu faz rir.

Infame, desqualificado e ridículo, Ubu é um rei que governa não apesar da bufonaria, mas por meio dela. A caricatura é o retrato oficial de Ubu, uma imagem que, seja ela produzida de maneira consciente ou não, representa um dos aspectos mais violentos do poder soberano, isto é, sua inevitabilidade mesmo diante de sua total irracionalidade. De maneira mais precisa, a razão ubuesca reside justamente em seu ser ridículo e, ao mesmo tempo, incontornável. Que Ubu governe através da estupidez, que sua soberania grotesca seja um fim em si, que a infâmia e o escárnio sejam instrumentos de uma violência arbitrária — essa é a racionalidade e a força do poder ubuesco (Foucault, 2010b).

E longe de ser apenas um personagem em uma peça de teatro escrita há mais de cem anos, Pai Ubu representa uma dimensão real do poder soberano. Ao longo da história, uma miríade de episódios marcados por megalomania, teatralidade, inconstância e violência extrema fizeram de Ubu um espectro sempre presente em algumas sociedades. Calígula, Idi Amin, Saparmurat Niyazov, Donald Trump, Javier Milei, Jair Bolsonaro... — a lista de indivíduos que foram alçados ao poder, ou destruíram tudo a sua volta para tomá-lo, através da bufonaria e da sátira de si é extensa. Em meio a esses exemplos, cabe olhar com mais atenção para aquele que foi um dos maiores símbolos do poder ubuesco no século XX: Benito Mussolini.

Em meio a gestos espalhafatosos, caretas, imitações e ofensas, Mussolini construiu para si a imagem daquele que seria o *homem forte fascista*, imagem essa que, apesar da aparente contradição, se autoconcedia o poder de ser ridícula. Nesse sentido, é preciso entender que "Ubu é o exercício do poder através da desqualificação explícita de quem o exerce" (Foucault, 2010b, p. 31); ou seja, o grotesco se inscreve de tal maneira na mecânica do poder político que faz com que a própria desqualificação lhe sirva como arma. A desfaçatez coroa o poder de Ubu e é isso que fez com que, em seu discurso inaugural como primeiro-ministro italiano, Mussolini anunciasse que:

> Recusei-me a vencer de forma esmagadora, e poderia ter vencido de maneira esmagadora. Estabeleci limites. Disse a mim mesmo que a melhor sabedoria é aquela que não nos abandona depois da vitória. Com trezentos mil jovens

> armados até os dentes, determinados a fazer tudo e quase misticamente prontos para o meu comando, eu poderia castigar todos aqueles que difamaram e tentaram manchar o fascismo. Eu poderia ter transformado esta Câmara cinzenta e monótona em um bivaque [...] eu poderia ter barrado o Parlamento e formado um governo totalmente fascista. Eu poderia ter feito isso, mas eu não queria, pelo menos não no início (Mussolini, 1923, p. 8390-8391, tradução própria).[4]

Como foi dito, a desfaçatez é uma das marcas de Ubu, e isso fica claro nas diferenças entre a realidade dos fatos e a descrição grandiosa desses eventos. Diante de um país que amargava em uma crise econômica e social agravada pela Primeira Guerra Mundial, Mussolini soube nutrir o ressentimento de grupos que acreditavam terem sido traídos pelas outras potências europeias vitoriosas na Guerra, assim como o medo da direita nacionalista que se tornava cada vez mais extremista em face dos eventos da Revolução Russa. Com a popularidade em alta, Mussolini foi eleito para o parlamento em 1921, mas isso não diminuiu suas intenções golpistas e, reunindo 30 mil camisas negras — número muito aquém dos 300 mil citados no discurso —, ele promoveu a chamada Marcha sobre Roma, com o intuito de gerar uma atmosfera de emergência nacional. Em meio a essa situação, o primeiro-ministro Luigi Facta considerou impor um estado de sítio e ordenar que o exército reprimisse os fascistas, mas o rei Vítor Emanuel III não apenas negou o desejo de Facta, como também nomeou Mussolini primeiro-ministro no dia 29 de outubro de 1922. Contudo, em nenhum momento Mussolini saiu às ruas, pelo contrário, durante todo esse processo o líder fascista permaneceu protegido em seu escritório em Milão (Smith, 1982).

Se frente aos fatos históricos a fala de Mussolini ganha contornos risíveis, isso não é, como já foi dito, uma contradição para a força do *Duce*. O poder de rir de si mesmo é uma forma de "maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz" (Foucault, 2010b, p. 11), é a força de se lançar para além de toda ordem que rege o discurso tido como *racional* em um certo âmbito, de anular as críticas e de se colocar na posição de plena arbitrariedade. Longe de ser um mero discurso ofensivo ou grosseiro, o ubuesco se vale da sua dimensão grotesca na medida em que detém "por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los" (Foucault, 2010b, p. 11). Se Mussolini se valeu de uma face grotesca e bufona para afirmar seu poder, isso não se deu por mero acaso ou por conta de alguma anomalia histórica específica de seu tempo, mas porque o ubuesco é uma parte intrínseca dos mecanismos de poder e, por extensão, do funcionamento político de muitas sociedades. Logo, sendo Ubu uma presença constante nas estruturas que perpassam as nossas vidas, cabe tentar caracterizá-lo.

Em primeiro lugar, se o grotesco aparece como adjetivo para defini-lo, é importante salientar que existe, aqui, uma redução do termo enquanto categoria estética para uma concepção inteiramente negativa, desconsiderando a importância do grotesco como forma de expressão capaz de romper com certas idealizações (Kayser, 1986). De modo similar, a bufonaria não se refere ao aspecto crítico que os bufões e os bobos da corte possuíam na era medieval, onde a zombaria podia ser o único meio de crítica ao rei (Sodré; Paiva, 2002). Ao contrário de tudo isso, o ubuesco se vale de alguns desses elementos apenas como um meio de fortalecimento próprio. Assim, se

[4] "Mi sono rifiutato di stravincere, e potevo stravincere. Mi sono imposto dei limiti. Mi sono detto che la migliore saggezza è quella che non vi abbandona dopo la vittoria. Con trecentomila giovani armati di tutto punto, decisi a tutto e quasi misticamente pronti ad un mio ordine, io potevo castigare tutti coloro che hanno diffamato e tentato di infangare il Fascismo. Potevo fare di questa Aula sorda e grigia un bivacco di manipoli... potevo sprangare il Parlamento e costituire un Governo esclusivamente di fascisti. Potevo: ma non ho, almeno in questo primo tempo, voluto".

o grotesco utiliza associações de formas disformes e imprevisíveis, e se o bufão inverte a posição reinante, o ubuesco faz o mesmo, mas visando maximizar sua força de dominação arbitrária.

Em segundo lugar, o poder ubuesco possui três propriedades: o poder de matar; o poder de verdade e o poder de fazer rir. Em relação ao primeiro, ele se dá pelo fato de o discurso ubuesco possuir a capacidade de controle sobre a vida das pessoas, de poder julgar e condenar alguém, de punir ou não e, no limite, de matar ou absolver. Nesse sentido, a segunda propriedade se articula à primeira na medida em que um estatuto particular garante a esse poder a prerrogativa da verdade, ou seja, ele é capaz de formular enunciados com efeitos de verdade e com efeitos jurídicos, porém, ao mesmo tempo, eles também estão alheios a qualquer outra regra de formação dos discursos científicos e do direito. No caso de Mussolini, por exemplo, percebe-se essa articulação entre o poder de matar e de estabelecer uma (falsa) verdade[5] na fala: "Com trezentos mil jovens armados até os dentes, [...] eu poderia castigar todos aqueles que difamaram e tentaram manchar o fascismo" (Mussolini, 1923, p. 8391).

Apesar do exemplo, seria um erro crer que esse poder está restrito ao âmbito da política. Ubu também fala nas repartições atoladas pela burocracia e nos tribunais, onde a verdade é construída por processos que decidem o destino de sujeitos alheios ao tempo dos trâmites, ou nos julgamentos que cruzam o saber jurídico e médico para condenar indivíduos com base em conceitos supostamente científicos, tais como a delinquência e a histeria. Por meio de associações grotescas, esse poder sobre a vida e a verdade atua sobre os indivíduos ao mesmo tempo em que consegue escapar da crítica, que desliza por diferentes pontos de seus enunciados devido ao caráter inadequado de seu conteúdo e de seus poderes (Fortes Ribas; Batista Candido, 2024; Foucault, 2010b).

Essa capacidade de driblar as críticas está ligada não apenas ao cruzamento de diferentes discursos, mas também à sua terceira propriedade: o poder de fazer rir. Ubu faz rir não por ser divertido e engraçado — apesar de ser considerado como tal por aqueles que veem graça na humilhação alheia —, mas devido ao absurdo que não pode ser colocado em palavras e que desencadeia um processo fisiológico automático sem qualquer tipo de alegria. A incredulidade, o nervosismo, o desconforto, o choque — essas são algumas das formas que caracterizam a *comédia* ubuesca. Distante da felicidade, o efeito cômico desse discurso se aproxima muito mais do sarcasmo, do horror e da descrença de que aquilo que se vê pode estar mesmo acontecendo. Em última instância, o riso também surge da desistência que, depois do choro, encontra lugar apenas na resignação (Leme, 2008).

Entretanto, para além desses casos, Ubu também faz rir por meio da auto-humilhação. Se, na maior parte das vezes, a auto-humilhação surge de maneira involuntária, pois a bufonaria constitui a própria maneira de ser dessa figura, em outras ocasiões essa autossátira funciona como uma estratégia consciente de autopromoção e de ataque aos adversários. Assim, o ato de tornar a si mesmo uma piada não é uma contradição para a imagem do líder *forte*, mas um instrumento que simultaneamente desativa possíveis críticas, uma vez que aquilo que pretendia ofender é incorporado e anulado; que contribui para a construção de uma figura supostamente mais *genuína*, pois representaria um aspecto comum de alguém que costuma ser retratado como sobre-humano; que atesta sua força, afinal, um *líder forte* deve suportar piadas; e que também desacredita tudo aquilo que está a sua volta, especialmente a oposição que tenta dialogar em termos *sérios* e que é lançada no palco de um show que tem Ubu como protagonista.

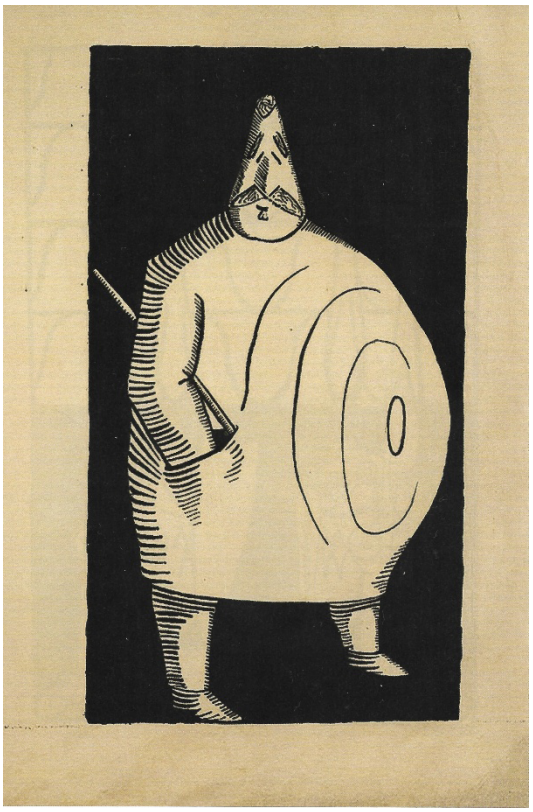
[5] É importante frisar que existe uma diferença fundamental entre esse *efeito de verdade* e um *fato verdadeiro*, pois os efeitos funcionam como se fossem verdades no discurso, ainda que factualmente eles sejam mentirosos.

Se essas três propriedades — o poder de matar, de verdade e de fazer rir — caracterizam o poder ubuesco em termos positivos, também vale a pena indicar aquilo que não o define. Desse modo, é preciso reafirmar que o poder ubuesco não é uma falha ou uma anomalia das relações de poder, mas uma mecânica inerente a elas. Enquanto em certas sociedades indígenas, a exemplo dos Chulupi, a ridicularização do chefe ou xamã serve como um meio de restrição da autoridade dessas figuras, neutralizando grande parte de seus poderes políticos (Clastres, 2020), em nossas sociedades essa ridicularização tem servido, conforme mencionado, não para regular o poder em certos limites, mas para maximizá-lo. Ainda que existam formas de ridicularização cômica que cumprem o papel de balancear certas relações de poder, como é o caso das sátiras políticas, o poder ubuesco, em contrapartida, utiliza meios similares para explicitar seu próprio caráter abjeto (Fortes Ribas; Batista Candido, 2024; Foucault, 2010b).

Também cabe destacar que o ubuesco não está restrito a um campo político ou ideológico específico, podendo perfeitamente ser exercido por diferentes atores e instituições, bem como em instâncias cotidianas distantes da política partidária (Fortes Ribas; Batista Candido, 2024). É por essas razões que não se deve ver no poder ubuesco um exercício *vitorioso* de poder, mas um tipo de estratégia que pode gerar diferentes resultados (Leme, 2008). Em suma, longe de ser um elemento estranho às estruturas de poder, o que também não o torna algo natural a todas as formas de governo, o ubuesco não representa uma simples antítese da razão, da seriedade e do respeito, mas um exercício de poder, consciente ou não, com suas características e funcionamentos próprios.

Enfim, traçado o retrato de Ubu, cabe agora acompanhar seu terror quando, expulso da Polônia, ele decide assumir um novo nome em outro continente.

Imagem 1 – retrato de *Monsieur Ubu*



Fonte: Jarry, 2021.

3 Ubu vai à América

Descoroado após covardemente fugir do golpe de Bugrelau, filho do rei Venceslau, Pai Ubu embarca em um navio rumo à França. Depois de algumas desventuras pouco lembradas — *Ubu enchaîné* e *Ubu Cocu* —, Ubu decidiu atravessar os oceanos, pois um continente não era o suficiente para suportar seu toque podre. Atracando em Nova York, Ubu viu naquela cidade de imigrantes uma oportunidade para fazer a única coisa que realmente lhe dava prazer: alimentar sua ganância. Com o passar dos anos, ele fez de Nova York um palco para propagandear seu nome em ouro, afinal, só porque ele havia fugido da Polônia isso não significava que a sua vaidade tinha arrefecido. Porém, em 2015, após anos de ameaças, Ubu decidiu finalmente retornar à política, dessa vez concorrendo à presidência dos Estados Unidos da América, com a diferença de que ele jogaria *limpo*, sem apelar para golpes ou barbaridades, apenas para sua (suposta) imagem de empresário bem-sucedido e *outsider* do campo político. Mas, como a mentira possui pernas curtas e não escapa da fome de Ubu, o disparate se tornou a tônica de sua campanha presidencial vitoriosa.

Talvez o Ubu que hoje preside os Estados Unidos — atendendo pelo nome de Donald Trump — se incomode com a narrativa aqui exposta, pois nessa versão ele é retratado como um imigrante, a imagem do principal inimigo do seu governo. No período que compreende a campanha presidencial de 2016 e seu primeiro mandato (2017-2021), Trump defendeu a construção de um muro na fronteira México-EUA (que em partes já existia, mas foi expandido durante sua administração), a deportação de imigrantes ilegais e a revogação da política de cidadania por direito de nascença. De fato, durante o governo de Trump a política de imigração se tornou muito mais severa, resultando em um aumento no número de prisões, restrições a benefícios públicos e a implementação de medidas de separação familiar (Pearle, 2024; Snow, 2020). Somado a isso, Trump também defendeu uma política nacionalista e protecionista mesmo diante de países aliados dos EUA, como no caso da OTAN e, no caso mais extremo, contra a China, considerada inimiga dos interesses estadunidenses (Diamond, 2017; Swanson, 2018).

Se a retórica belicista contra imigrantes e contra outras nações marcaram o primeiro mandato de Trump, em sua campanha de 2024 — após a derrota para Joe Biden em 2020 — a estratégia foi dobrar a aposta a partir daquilo que ele considerava um *retrocesso* promovido pela administração Biden-Harris (2021-2024) na política migratória. Baseado em uma clara lógica schmittiana de *amigo x inimigo* (Schmitt, 2008), em que o restante do planeta e o dito *establishment* político estadunidense estariam contra o *povo americano*, Trump promoveu uma campanha sustentada pela ideia de "resgatar" os EUA da "corrupção do *establishment*". Após uma tentativa de assassinato durante um comício (perpetrada por um jovem branco estadunidense), essa *missão de resgate da nação* ganhou ares quase messiânicos, pois, nas palavras de Trump, ele não se renderia "nem mesmo diante da própria morte!".

> (1) Desde o início desta jornada, minha missão tem sido resgatar nossa nação de um *establishment* político falido e corrupto. Eu NUNCA DESISTIREI, eu NUNCA ME CURVAREI, eu NUNCA CEDEREI e eu NUNCA ME RENDEREI, nem mesmo diante da própria morte (Trump, 2024a, tradução própria).[6]

[6] "From the very beginning of this journey, I have been on a mission to rescue our nation from a failed and corrupt political establishment. I will NEVER QUIT, I will NEVER BEND, I will NEVER BREAK, and I will NEVER YIELD, not even in the face of death itself".

Nessa jornada, os imigrantes seriam como um *exército* utilizado pela "esquerda comunista" que controla o planeta e que atiça "terroristas, criminosos e loucos" para causar o caos e roubar as riquezas dos EUA. Nas palavras de Trump:

> (2) Devido a essa retórica da esquerda comunista, as balas estão voando e a situação só vai piorar! Permitir que milhões de pessoas, de lugares desconhecidos, INVADAM e tomem conta de nosso País é um pecado imperdoável. NOSSAS FRONTEIRAS DEVEM SER FECHADAS E OS TERRORISTAS, CRIMINOSOS E LOUCOS DEVEM SER IMEDIATAMENTE REMOVIDOS DAS CIDADES AMERICANAS E DEPORTADOS DE VOLTA PARA SEUS PAÍSES DE ORIGEM. QUEREMOS QUE AS PESSOAS ENTREM EM NOSSO PAÍS, MAS ELAS DEVEM AMAR A NOSSA NAÇÃO E ENTRAR LEGALMENTE E POR MEIO DE UM SISTEMA DE MÉRITO. O MUNDO ESTÁ RINDO DE NÓS COMO TOLOS, ELES ESTÃO ROUBANDO NOSSOS EMPREGOS E A NOSSA RIQUEZA. NÃO PODEMOS MAIS DEIXÁ-LOS RIR. FAÇAM A AMÉRICA GRANDE NOVAMENTE! (Trump, 2024b, tradução própria).[7]

Na narrativa de um suposto complô global, Donald Trump seria o único herói capaz de fazer da *América*, pois sua nação se sobrepõe a mais de um continente, grande novamente. Enquanto no passado era por meio da força que Ubu ascendia ao trono, fosse contra o rei Venceslau ou na Marcha sobre Roma, no século XXI é através das eleições que Ubu emerge como *salvador da pátria*. Entretanto, não são os possíveis vínculos com a retórica ou a política fascista que interessam a esta análise, mas sim o modo como o discurso de Donald Trump pode ser caracterizado como um discurso ubuesco. Para isso, é preciso retomar as três propriedades que caracterizam esse discurso — o poder de matar, de verdade e de fazer rir — e observar como as falas de Trump, mais especificamente seus *posts* durante a campanha presidencial de 2024 e nos primeiros cem dias de seu segundo mandato, se enquadram neles.

De início, em se tratando do poder de matar, cabe relembrar que tal poder não se refere apenas a condenar um indivíduo ou um grupo à morte, mas de ter controle sobre a vida das pessoas em suas mais variadas dimensões, ou seja, é um poder soberano (Foucault, 2010a). Essa propriedade do discurso ubuesco pode ser constatada nas já mencionadas falas de Trump sobre os imigrantes que residem nos Estados Unidos, exposto no Excerto (3), e, em exemplos extremos, Excertos (4) e (5), também em um suposto *direito de matar* presente nas falas de Trump comentando a eliminação de membros do Estado Islâmico, bem como nas ameaças ao então Líder Supremo do Irã, Ali Khamenei, durante o conflito militar entre Israel e Irã em junho de 2025. Enquanto nas ameaças ao ISIS a demonstração de força é espetacular — "Eu fiz!" e "NÓS VAMOS ENCONTRAR VOCÊS E VAMOS MATÁ-LOS!" —, contra o aiatolá, Trump fez questão de frisar que possuía o poder de matar — "Não vamos eliminá-lo (matar!)" —, mas que ele escolheu não exercer, assim como Mussolini, que *poderia* ter transformado a "Câmara cinzenta e monótona em um bivaque", mas não o fez.

---

[7] "Because of this Communist Left Rhetoric, the bullets are flying, and it will only get worse! Allowing millions of people, from places unknown, to INVADE and take over our Country, is an unpardonable sin. OUR BORDERS MUST BE CLOSED, AND THE TERRORISTS, CRIMINALS, AND MENTALLY INSANE, IMMEDIATELY REMOVED FROM AMERICAN CITIES AND TOWNS, DEPORTED BACK TO THEIR COUNTIES OF ORIGIN. WE WANT PEOPLE TO COME INTO OUR COUNTRY, BUT THEY MUST LOVE OUR NATION, AND COME IN LEGALLY AND THROUGH A SYSTEM OF MERIT. THE WORLD IS LAUGHING AT US AS FOOLS, THEY ARE STEALING OUR JOBS AND OUR WEALTH. WE CANNOT LET THEM LAUGH ANY LONGER. MAKE AMERICA GREAT AGAIN!".

(3) Encerraremos todos os voos de migrantes, [...] revogaremos a imunidade de deportação, suspenderemos o reassentamento de refugiados e devolveremos os migrantes ilegais da Kamala a seus países de origem (Trump, 2024c, tradução própria).[8]

(4) Esta manhã eu ordenei ataques aéreos militares de precisão contra o Planejador Sênior de Ataques do ISIS e outros terroristas que ele recrutou e liderou na Somália. [...] Nossas Forças Armadas têm visado esse Planejador de Ataques do ISIS há anos, mas Biden e seus comparsas não agiram com rapidez suficiente para realizar o trabalho. Eu fiz! A mensagem para o ISIS e todos os outros que querem atacar os Americanos é que "NÓS VAMOS ENCONTRAR VOCÊS E VAMOS MATÁ-LOS!" (Trump, 2025a, tradução do autor).[9]

(5) Sabemos exatamente onde o chamado "Líder Supremo" está se escondendo. Ele é um alvo fácil, mas está seguro lá — não vamos eliminá-lo (matar!), pelo menos não por enquanto. Mas não queremos que mísseis sejam disparados contra civis ou soldados americanos. Nossa paciência está se esgotando (Trump, 2025b, tradução do autor).[10]

Conforme apresentado na seção anterior, o poder de estabelecer a verdade se articula ao poder de matar por garantir a ele suas prerrogativas de ação. Nesse sentido, apesar dos exemplos caricatos que apontam para o aspecto cômico do ubuesco, notáveis nos Excertos (6) e (7), é importante notar que essa propriedade perpassa todo o discurso de Trump, pois é ela que lhe garante sua legitimidade e força. No entanto, tal legitimidade não se baseia apenas em sua posição de presidente, isto é, em seu caráter político e institucional, muito menos em algum tipo de saber científico, mas justamente por deter poderes que não condizem com seu *status* e nem com o espaço em que ele se situa, ou seja, ele une de maneira grotesca a face econômica do bilionário, a política do presidente e o conhecimento dito *óbvio* do *bom senso*.

(6) TRUMP ESTAVA CERTO SOBRE TUDO! (Trump, 2025c, traduzido pelo autor).[11]

(7) Aquele que defende seu País não viola nenhuma Lei (Trump, 2025d, traduzido pelo autor).[12]

A defesa do sucesso meritocrático e da ideia de que o dinheiro pode comprar o mundo, a liberdade de agir como bem entender por estar protegido pelo seu cargo, a crença de que suas opiniões são um atestado *óbvio* da *verdade* — são alguns dos elementos que se misturam e assumem uma forma ubuesca em Donald Trump. Essa suposta *obviedade* que sustenta a (falsa) *verdade* das falas de Trump se configura como um recurso de interdição da crítica, pois ela se baseia na crença de que qualquer pessoa seria capaz de perceber que ele é um

[8] "We will stop all migrant flights, [...] revoke deportation immunity, suspend refugee resettlement, and return Kamala's illegal migrants to their home countries".

[9] "This morning I ordered precision Military air strikes on the Senior ISIS Attack Planner and other terrorists he recruited and led in Somalia. [...] Our Military has targeted this ISIS Attack Planner for years, but Biden and his cronies wouldn't act quickly enough to get the job done, I did! The message to ISIS and all others who would attack Americans is that 'WE WILL FIND YOU, AND WE WILL KILL YOU!'".

[10] "We know exactly where the so-called 'Supreme Leader' is hiding. He is an easy target, but is safe there — We are not going to take him out (kill!), at least not for now. But we don't want missiles shot at civilians, or American soldiers. Our patience is wearing thin".

[11] "TRUMP WAS RIGHT ABOUT EVERYTHING!".

[12] "He who saves his Country does not violate any Law".

perseguido político,[13] que a liberdade de expressão foi tolhida[14] e que existe uma imposição de questões de raça e gênero na vida cotidiana,[15] enfim, que "tudo se resume ao bom senso"[16] (Trump, 2025e). Ao colocar o senso comum como balizador da verdade de seu discurso, Trump institui uma suposta *literalidade* e *transparência* dos sentidos, de modo que qualquer pessoa *razoável* e *sã* seria capaz de chegar às mesmas conclusões (Lagazzi, 1988), jogando seus críticos e adversários não somente para o campo do erro, mas da loucura:

> (8) Eu acredito que é muito importante que a Kamala Harris passe por um teste de Resistência e Agilidade Cognitiva (Trump, 2024d, tradução própria).[17]

Contudo, para além desse *bom senso*, é importante perceber como o discurso ubuesco joga com a mentira, não de modo a simplesmente ocultar os fatos dos destinatários do discurso, mas na inversão da mentira sobre ela mesma enquanto signo de força. Em outras palavras, o que ocorre no discurso ubuesco é a enunciação da mentira e a sua aceitação enquanto tal por parte dos destinatários, mas com um ponto a mais, pois o emissário da informação falsa realiza uma inversão ao agir de acordo com a mentira, interditando a resposta do interlocutor crítico, uma vez que esse não partilha da mesma (falsa) *verdade* estabelecida com base no suposto senso comum (Leme, 2008). Simplificando, quando Trump mente o que menos importa para seus apoiadores é o referencial real das informações que ele apresenta, mas sim o fato de estarem compartilhando uma suposta *verdade comum* e agirem de acordo com ela. Em suma, o poder de estabelecer a verdade que o discurso ubuesco possui também se manifesta no "poder de mentir, [de] agir de acordo com essa mentira e qualificar-se a si mesmo como mentiroso" (Leme, 2008, *E-book não paginado*).

Um exemplo desse jogo com a mentira pode ser observado na carta endereçada ao presidente Lula a respeito da taxação de 50% dos produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos. Através de um linguajar alheio ao decoro esperado em relações diplomáticas, Trump fundamenta a taxação com base na defesa do ex-presidente Jair Bolsonaro (condenado por liderança de organização criminosa; tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito; golpe de Estado; dano contra o patrimônio da União e deterioração de patrimônio tombado) que estaria sendo, em sua visão, vítima de violações políticas e de uma perseguição autoritária perpetrada pelo Supremo Tribunal Federal do Brasil, violações essas que também atingiriam as empresas de redes sociais estadunidenses. Além de atacarem a soberania nacional brasileira, essas afirmações logo foram desmentidas por medidas visando a interferência no Pix, o que favoreceria *Big Techs* interessadas no mercado de pagamentos automáticos, como a *Meta*, pelos interesses nos minerais críticos brasileiros e pelo histórico de enfrentamento aos países do BRICS.[18] Somado a esses fatores, Trump também alegou que

---

[13] "Over the past eight years, I have been tested and challenged more than any president in our 250-year history, and I've learned a lot along the way".

[14] "After years and years of illegal and unconstitutional federal efforts to restrict free expression, I also will sign an executive order to immediately stop all government censorship and bring back free speech to America".

[15] "This week, I will also end the government policy of trying to socially engineer race and gender into every aspect of public and private life".

[16] "It's all about common sense".

[17] "I believe it is very important that Kamala Harris pass a test on Cognitive Stamina and Agility".

[18] "The idea that the BRICS Countries are trying to move away from the Dollar while we stand by and watch is OVER. We require a commitment from these Countries that they will neither create a new BRICS Currency, nor

o Brasil estaria se beneficiando às custas dos Estados Unidos na relação comercial de longa data entre os dois países, mesmo os EUA somando um superávit comercial com o Brasil na casa das centenas de bilhões de dólares há mais de uma década. Em resumo, uma clara demonstração de que Ubu não tem medo de ser taxado de mentiroso (Catto, 2025).

Essa autocaracterização como mentiroso também leva à terceira propriedade do discurso ubuesco, isto é, o poder de fazer rir, que se relaciona ao princípio de terror que perpassa tal discurso. O riso involuntário diante do absurdo é algo que circunda a imagem a Trump, que faz da incredulidade um palco sobre o qual governar. Seja por meio da humilhação de adversários através de apelidos e ofensas — como Joe Desonesto e Kamala Mentirosa[19] —, seja por meio da *automemeficação* através de montagens e da promoção de produtos questionáveis (como no caso do *meme coin* lançado após a eleição e acusado de ser um esquema de enriquecimento ilícito). O ridículo e a bufonaria emergem como forças de um governo que se fundamenta em um terror que não oculta seus motivos e mecanismos, mas que faz troça deles por meio da exposição espetacular (Debord, 1997; Leme, 2008).[20]

Distante de Ronald Reagan, ator de Hollywood, Donald Trump surge na era dos *reality shows* e das redes sociais, onde a paródia, o ódio e a humilhação movem algoritmos com capacidades inéditas de difusão de informações. Por um lado, existe a confusão entre o personagem e o sujeito ao ponto da perda de qualquer referencial, fazendo de Trump um ator que interpreta a si mesmo enquanto caricatura, por outro lado, algoritmos de redes sociais, como *Facebook*, *X* e *Youtube*, fomentam publicações com discursos de ódio para aumentar o tempo de tela de seus usuários a partir da lógica de que a raiva engaja (Fisher, 2023). No meio disso tudo, antigos limites do discurso público são movidos, abrindo brechas para que falas até então estranhas a certos espaços se tornem cada vez mais normalizadas. Ao transformar a violência em piada, ao fazer de si um bufão e anular as possíveis críticas, ao deslocar o campo do debate público para aquilo que serve aos seus interesses, Trump expõe o poder arbitrário em seu caráter mais cru, de modo que a face ridícula de Ubu surge não como uma ofensa, mas como a demonstração de uma força capaz de abalar os princípios de um debate político considerado *racional*.

Procurar embaixo da máscara ubuesca a *real* face dos indivíduos e grupos que se valem de sua linguagem é uma tarefa vã, pois a caricatura e a carne já se confundiram de tal modo que o que resta é apenas a imagem grotesca da arbitrariedade do poder e do terror político. Os interesses, objetivos, planos e estratégias se inscrevem na superfície do discurso e são vendidos (lembrando que Trump é, antes de tudo, um vendedor) em orações simples, marcadas por sintaxe linear, linguagem direta e literal, com palavras de ordem que destacam sentimentos em letras maiúsculas e pontos de exclamação. O discurso de Ubu não esconde segundas intenções, ele revela tudo de maneira obscena, reforçando a imagem do suposto líder *inabalável* e *verdadeiro*, ao mesmo tempo em que diz aos seus seguidores o que eles devem pensar e como devem se sentir. E, quanto mais ridículo tudo isso parecer aos olhos de seus críticos, melhor, pois, nessa lógica, a diferença funciona como um atestado de que os opositores estão isolados em suas bolhas de *linguagem difícil* e são incapazes de se comunicarem com o *povo verdadeiro*.

---

back any other Currency to replace the mighty U.S. Dollar or, they will face 100% Tariffs, and should expect to say goodbye to selling into the wonderful U.S. Economy. They can go find another 'sucker!'" (Trump, 2024e).

[19] Crooked Joe; Lyin' Kamala (Trump, 2024f).

[20] No Brasil, um caso exemplar disso ocorreu na ocasião em que Jair Bolsonaro, então presidente, levou um comediante que o imitava para responder perguntas de repórteres em seu lugar (Militão, 2020).

Distante da mera loucura, o que Ubu faz é romper com qualquer tipo de regra e se colocar em uma posição alheia a tudo, de onde ele pode governar de maneira irrestrita. Assim, quando finalmente reascende ao trono, quando toma posse em janeiro de 2025, Ubu, ou ainda, Donald Trump, sabe que limite algum pode impedi-lo de dizer que "toda entrada ilegal será imediatamente interrompida e começaremos o processo de devolver milhões e milhões de criminosos estrangeiros aos lugares de onde vieram",[21] que mudará "o nome do Golfo do México para Golfo da América",[22] que o aquecimento global é uma mentira e que os estadunidenses "poderão comprar o carro de sua escolha"[23], e que, a partir de agora, eles irão "perfurar, baby, perfurar"[24] os poços de petróleo, tudo isso marcado por hipérboles que reforçam a megalomania de seu governo — "Para os cidadãos americanos, 20 de janeiro de 2025 é o Dia da Libertação",[25] "O futuro é nosso e nossa era dourada está apenas começando"[26] (Trump, 2025e, tradução própria).

Entre o *meme* que contamina as redes, o *troll* de internet que ofende os adversários e o homem *sincero* sem medo de falar a *verdade*, no fim, o que se tem é alguém que sabe aproveitar a atual conjuntura política, econômica e cultural para fazer valer seus interesses pessoais e do capital que o apoia (vide a presença de alguns dos homens mais ricos do mundo em sua posse presidencial). Semelhante a uma *síndrome* — referência à expressão *Trump Derangement Syndrome*, popularizada por Trump e seus apoiadores para zombar dos críticos ao seu governo — o discurso ubuesco é a manifestação de um conjunto de sintomas e sinais diversos ligados por pontos comuns. Tendo isso em vista, cabe agora tentar diagnosticar as condições que possibilitaram que Ubu retornasse ao trono.

Imagem 2 – Ubu Trump



Fonte: Mr. Fish, 2017.

[21] "All illegal entry will immediately be halted, and we will begin the process of returning millions and millions of criminal aliens back to the places from which they came".

[22] "We are going to be changing the name of the Gulf of Mexico to the Gulf of America".

[23] "You'll be able to buy the car of your choice".

[24] "We will drill, baby, drill".

[25] "For American citizens, January 20th, 2025, is Liberation Day".

[26] "The future is ours, and our golden age has just begun".

4 O espectro de Ubu

Recoroado após uma campanha mentirosa, Pai Ubu é eleito presidente dos Estados Unidos. Contudo, seu mandato é curto e, considerando que ele não poderia apunhalar seus adversários pelas costas como no passado, Ubu teve que esperar mais quatro anos para voltar ao trono e ser recoroado novamente, agora sob a promessa de cumprir aquilo que não havia conseguido fazer e de corrigir os retrocessos dos anos que ficou afastado do cargo que, em sua cabeça, lhe pertencia por direito. Desse modo, o ciclo de coroação, descoroação e recoroação se fecha sob a impressão de que tudo não passa de uma mera repetição, como se Ubu fosse um fantasma que assombra as nossas sociedades de tempos em tempos. Mas seria mesmo um ciclo? Pode ser que seja uma linha que avança e retrocede, um cabo de guerra que Ubu está ganhando e, com isso, levando o mundo ao retrocesso. Talvez não seja nada disso e o tempo seja mais complexo que apenas ciclos e linhas. Talvez o espectro de Ubu ronde as sociedades enquanto elas se transformam até o momento em que ele encontra as condições adequadas para reemergir de seu sono no interior dos mecanismos de poder.

Nesse sentido, somente a conceituação das propriedades do discurso ubuesco e a verificação delas nas falas de Donald Trump não dão conta de explicar como esse discurso ganhou corpo no século XXI e quais foram as condições de possibilidade implicadas em sua emergência. Pensando nisso, foram estabelecidas cinco categorias e questões a elas relacionadas para tentar construir um panorama mais amplo para o diagnóstico dessas condições, levando em consideração fatores que vão desde os modos em que a verdade é definida até as circunstâncias técnicas e estéticas envolvidas nesses processos. Apesar de não englobarem a totalidade de fatores passíveis de análise, algo que nenhum método é capaz de fazer, essas categorias ajudam a construir uma perspectiva mais ampla de como diferentes acontecimentos — que compreendem elementos históricos, econômicos, invenções tecnológicas, tendências sociais, governos etc. — se articulam em uma grande rede.

Essas categorias foram estabelecidas com base nos procedimentos de exclusão, internos e de rarefação apresentados por Foucault (2005) como aqueles que controlam, selecionam e organizam a produção dos discursos em nossas sociedades. A ideia foi reorganizar esses procedimentos, transformando-os em instrumentos de pesquisa compreendidos em categorias mais gerais, capazes de ampliar o escopo de análise para outros fatores materiais implicados na formação dos discursos e de facilitar o diálogo com outras perspectivas teóricas, como o marxismo, por exemplo. Esses procedimentos podem ser resumidos da seguinte maneira:

- **Procedimentos de exclusão:** a *interdição* sobre o que pode ser dito; a *separação* daquele que tem a palavra acolhida ou não; e a *oposição* entre o verdadeiro e o falso no interior de um discurso.
- **Procedimentos internos:** o *comentário*, que é o princípio de repetição e ampliação de um discurso; a *autoria*, uma função de agrupamento do discurso, e não o indivíduo em si; e as *disciplinas*, que organizam o discurso, definindo domínios de objetos, métodos e proposições.
- **Procedimentos de rarefação:** o *ritual*, que define a qualificação que os indivíduos que falam devem possuir, os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todos outros signos que acompanham o discurso; as *sociedades de discurso*, que produzem e conservam discursos, fazendo-os circular em determinados espaços sob determinadas regras,

regulando o regime de exclusividade e divulgação deles; as *doutrinas*, que sujeitam os indivíduos a certos tipos de enunciação, ligando-os entre si e diferenciando-os de outros; e a *apropriação social*, que se refere ao acesso e à distribuição dos discursos, à capacidade de manutenção ou modificação deles por parte de diferentes grupos sociais.

Há, ainda, quatro princípios reguladores da análise que perpassam todas as categorias propostas e, devido ao seu caráter metodológico, não são mencionados no quadro apresentado aqui. Tais princípios são: 1) a *inversão*, que trata de reconhecer nas fontes dos discursos (como o autor e a disciplina) não os princípios de uma instância criadora, mas um recorte; 2) a *descontinuidade*, que se refere ao fato de que não existe um grande e ilimitado discurso na base de todos os outros, mas sim práticas descontínuas que, por vezes, se cruzam, se ignoram ou mesmo se excluem; 3) a *especificidade*, que reconhece que os discursos não são jogos com significações prévias nem acessórios do nosso conhecimento, mas práticas que impomos às coisas; e 4) a *exterioridade*, que lembra que a análise não busca o núcleo escondido dos discursos, mas suas condições de possibilidade, isto é, suas formas de aparição e regularidades (Foucault, 2005).

Além de servirem como uma forma de reorganização e ampliação da análise, as categorias apresentadas aqui também reafirmam a ideia de que os discursos não se desenvolvem pela mera vontade de figuras poderosas e nem surgem espontaneamente como fruto de uma suposta *evolução teleológica* das sociedades. Ao contrário, eles emergem da realidade material como mosaicos construídos por diferentes forças, eventos e mãos, não apenas encontrando certas condições favoráveis para seu desenvolvimento em determinado tempo e espaço, mas, em parte, também produzindo novas condições. Tal produção não se refere a um projeto idealizado por agentes específicos, mas a uma série de ações realizadas por diversos grupos e indivíduos a partir de diferentes condições, urgências e objetivos dados.

Em resumo, a proposta, apresentada no Quadro 1, também serve como um ponto de partida para análises genealógicas dos discursos, pois a síntese em cinco categorias e perguntas-chave facilita o trabalho do/a analista ao posicionar seu olhar sobre o arquivo, sem pretender encerrar futuras pesquisas em um modelo fixo. Portanto, no que se refere àquilo que as categorias *compreendem*, os elementos expostos servem como referência para outros similares, assim como os *principais procedimentos implicados* exemplificam as relações entre os conceitos citados anteriormente e esta proposta, não indicando que tais procedimentos se organizam de modo tão simples e coeso. Também deve-se destacar que não existe hierarquia ou anterioridade entre as categorias, pois elas sempre funcionam em correlações umas com as outras, ou seja, quando uma muda todas as outras sentem ecos dessa mudança.[27]

[27] O que prevaleceu na definição dessas cinco categorias foi o princípio da economia. A implicação de fatores como o contexto geográfico, natural e histórico nas condições de possibilidade dos discursos é pressuposta por esta apresentação, mas, ao invés de estabelecer categorias específicas para eles, preferiu-se enquadrá-los de maneira difusa no plano geral da síntese.

Quadro 1 – Síntese das categorias de análise de discurso

Categoria	Compreende	Principais procedimentos implicados	Problema-chave
Regime de veridicção	Modos de definir a verdade; quem pode defini-la; conceitos e teorias; censura direta e indireta; nomeação.	Oposição verdadeiro/falso; separação; ritual; disciplinas.	O que constitui a verdade e quem é autorizado a dizê-la?
Economia política do dizível	Formas de organização econômica e política; relações de trabalho e produção; práticas de governo.	Interdição; sociedades de discurso; doutrinas; apropriação social.	uais práticas políticas e econômicas sustentam o discurso?
Infraestrutura tecnológica e institucional	Tecnologias de mediação e circulação de informação; canais e instâncias de comunicação.	Sociedades de discurso; apropriação social.	Quais canais e instituições operam o discurso?
Economia do sensível	Estética; partilha do sensível; performance.	Ritual; apropriação social; autoria; interdição.	Sob quais formas o discurso é enunciado e recebido?
Naturalização do discurso	Repetição; hegemonia; ideologia; silenciamento.	Sociedades de discurso; comentário; apropriação social.	Quais mecanismos estabilizam e organizam a repetição do discurso?

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Com base nessas categorias, é possível definir alguns marcos referenciais que atuaram no desenvolvimento das condições de emergência do discurso ubuesco no início do século XXI. Vale ressaltar que esses marcos servem para traçar uma esquematização simples de temas muito mais amplos e, assim como o quadro, ela funciona como um esboço geral para pesquisas específicas. Dois objetivos sustentam essa esquematização: 1) delinear alguns dos principais eventos que levaram à emergência e à difusão do discurso ubuesco em âmbito político nas duas primeiras décadas do século XXI; 2) demonstrar a aplicação das categorias propostas em uma análise efetiva. Logo, o foco desta breve apresentação não está na explicação de acontecimentos ou ideias específicas, mas na articulação geral desses elementos, compreendendo que tal articulação não se baseia em uma relação de causa e efeito simples, mas em processos complexos que levaram, de maneira direta e/ou indireta, à formação das condições de possibilidade do discurso ubuesco.

A lista de fatos destacados aqui tem como base acontecimentos que tiveram algum impacto substancial não apenas no mundo, mas principalmente nos Estados Unidos, pois o foco desta análise permanece sendo o discurso de Donald Trump. Além disso, apesar de o recorte temporal se limitar ao século XXI, todos os acontecimentos listados são desdobramentos de

processos mais antigos, sendo esses fatos pontos de referência relevantes. Com base nisso, é possível destacar os seguintes acontecimentos: os atentados de 11 de setembro de 2001; o início da Guerra ao Terror e a invasão do Afeganistão e do Iraque (2001-2021); a expansão global da internet; a criação das redes sociais baseadas em lógica algorítmica; o lançamento do *Iphone* (2007) e a difusão dos *smartphones*; a crise financeira de 2008; a eleição de Barack Obama como presidente dos Estados Unidos (2009-2017); o movimento *Occupy Wall Street* (2011); a Guerra Civil Síria (2011-?); o Acordo de Paris (2015); o *Brexit* (2016-2020); a ascensão da China como potência econômica e militar mundial; o primeiro governo de Donald Trump (2017-2021); a pandemia de Covid-19 (2020); a retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão (2021); a Guerra da Ucrânia (2022-?) e o segundo governo de Donald Trump (2024).

De início, é possível destacar alguns acontecimentos dessa lista que possuem conexões mais diretas com a emergência e a difusão do discurso ubuesco. Nesse sentido, a Guerra ao Terror e os discursos do ex-presidente estadunidense George W. Bush (2001-2009) se referindo aos países considerados inimigos dos EUA como *Eixo do Mal*, além das alegações falsas de que o Iraque possuía armas de destruição em massa (Borger, 2004), serviram para produzir um ambiente político centrado no estado de exceção, na normalização da mentira e na legitimação da islamofobia, bem como estimularam o avanço de tecnologias de vigilância populacional. Tal avanço encontrou ecos na expansão da internet e no desenvolvimento de algoritmos de previsão que estruturam redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram* e o *X*. Além de possuírem uma arquitetura que estimula a propagação de discursos de ódio e desinformação (Fisher, 2023), essas redes sociais, por meio de seus algoritmos, também influenciaram eleições como o plebiscito do *Brexit* e a vitória de Trump em 2016, como demonstrado pelo escândalo da *Cambridge Analytica* (Cadwalladr; Graham-Harrison, 2018).

Em grande parte, a expansão da internet nesses anos se deve não somente ao seu próprio avanço tecnológico, em parte fruto da transferência de capital excedente de outros setores para a produção de eletrônicos de ponta, mas, também, à popularização dos *smartphones* que permitiu que mais pessoas estivessem *online* durante a maior parte do dia. Esses novos espaços digitais operaram uma transformação da ordem discursiva, reconfigurando a interdição daquilo que pode ou não ser dito, os papéis de autoridade e os modos de dizer o que é verdade. Somado a isso, a crise financeira de 2008 também escancarou os problemas de um modelo econômico baseado em especulação, gerando a deslegitimação de instituições públicas e privadas. Em meio a um contexto de crise financeira e política, que também incorporava pautas ambientais e sociais, e com novas possibilidades de organização via redes sociais, começaram a surgir ondas de protestos com bases e reivindicações diversas, mas, em geral, centrados em pautas antissistêmicas difusas, como a Primavera Árabe, o movimento *Occupy Wall Street* e as Jornadas de Junho, no Brasil.

Em meio a esses eventos, cabe citar a eleição de Barack Obama, não necessariamente pelo seu governo, mas porque Donald Trump questionava a nacionalidade de Obama, antecipando a retórica belicista contra adversários políticos, que marca a sua tônica nos anos seguintes. Além disso, a constante presença das forças militares dos EUA no Oriente Médio em todos esses anos e o surgimento do Estado Islâmico, em meio ao contexto da Guerra Civil Síria, levaram a uma escalada do discurso de luta contra o terrorismo, resgatando, mais uma vez, as ideias de defesa do Ocidente amplamente difundidas por Bush no início do século XXI. Essa nova onda de discursos pró-Ocidente trouxe também a China como uma ameaça

aos interesses dos EUA, pois a crescente economia e força militar fizeram dela o único país do mundo atual com capacidade de disputar a posição de potência hegemônica global.

Com a cultura assumindo um papel de destaque nas disputas políticas, diferentes pautas sociais passaram a ser pensadas sob o signo do dito *identitarismo*, termo que setores da direita passaram a utilizar para se referir a temas que, para esses grupos, pertenceriam ao pensamento de *esquerda*. Com isso, movimentos como o *#MeToo* e o *Black Lives Matter*, ligados a causas de gênero e raça, não apenas foram classificados como movimentos políticos *perigosos*, mas também a mera presença de certos temas e grupos sociais em obras de arte e entretenimento passaram a ser vistos como um produto de agendas *globalistas* e da cultura *woke*, termo guarda-chuva usado para designar tudo aquilo que seria contrário aos ditos *valores ocidentais e cristãos*. No limite, até mesmo questões como a defesa do meio ambiente e de proteção sanitária foram tragadas para essa disputa, o que culminou na retirada dos Estados Unidos do Acordo de Paris por parte de Trump e, talvez o exemplo mais evidente, na inação durante a pandemia de Covid-19, que normalizou o negacionismo científico promovido pelo Estado.

Enfim, essa apresentação é apenas uma descrição muito sumária de uma série de eventos. Ampliando um pouco a lista, é possível citar ainda as mudanças nos regimes de trabalho e consumo; o avanço da financeirização da economia mundial; a popularização de teorias aceleracionistas de direita entre CEOs do Vale do Silício (Avila, 2025); as novas linguagens e tendências estéticas na arte e no entretenimento e a difusão de discursos que naturalizam visões de governo baseadas naquilo que pode ser chamado de *liberalismo autoritário* (Chamayou, 2020). Em resumo, o que se tem é um cenário de mudanças amplas e difusas ocorrendo simultaneamente em várias dimensões sociais em um curto período de tempo.

Com base nas categorias propostas, o Quadro 2 apresenta uma esquematização das informações narradas:

Quadro 2 – síntese das condições de emergência do discurso ubuesco no século XXI

Categoria	Acontecimentos relevantes
Regime de veridicção	A autoridade discursiva da ciência é questionada pelo *senso comum* e pela suposta *autenticidade* da autoridade arbitrária. O lastro da verdade migra da factualidade para a crença em narrativas de *bem x mal*, tendo como base as emoções e a moral. Os sujeitos autorizados a falar mudam e os cientistas, professores, artistas e políticos da oposição são deslegitimados como figuras corruptas e/ou deslocados da realidade, sendo a nova autoridade o dito *cidadão de bem e trabalhador*.
Economia política do dizível	As democracias representativas são questionadas e desmontadas em seu interior, dando lugar a governos autoritários construídos sob a fachada da *vontade do povo*. As relações de trabalho se transformam diante do avanço da informalidade da economia de plataformas e da financeirização, alterando as formas de organização da classe trabalhadora e impactando a sua fonte de renda. A ascensão da China como nova potência econômica mundial engendra novas disputas capitalistas globais, gerando amplas consequências geopolíticas.

Infraestrutura tecnológica e institucional	A difusão da internet e dos dispositivos móveis, bem como a expansão das redes sociais e das plataformas digitais, possibilitam a emergência de falas antes periféricas, permitindo que minorias sociais ganhem voz, mas também que grupos de ódio se disseminem. Os meios de comunicação tradicionais como o rádio, a televisão e o jornal, apesar de ainda importantes, dão cada vez mais espaço para redes que funcionam com base em algoritmos que estimulam o embate e a indignação como forma de engajamento, favorecendo a retórica sensacionalista e pouco verificada. Os canais institucionais tradicionais passam a ser questionados e repensados.
Economia do sensível	A sensibilidade social é reorganizada pelo ódio, ressentimento e nostalgia. Sentimentos antes indizíveis encontram correspondência via redes sociais. O proibido e o incômodo se tornam demonstrações de força e instrumentos de aceitação, provando a *autenticidade* daquele que o expressa. Além disso, a agressividade também é diluída na forma de humor, higienizando a mensagem violenta na forma de *memes* e anulando as críticas, classificadas como censura. Em outros níveis, grandes produções culturais se voltam para o passado através do resgate de antigos sucessos por meio de *remakes*, continuações e *reboots*, apostando em afetos ligados à nostalgia de um tempo melhor.
Naturalização do discurso	A guerra cultural se expande de modo a se tornar um mediador social através do qual todos são chamados a se posicionar. Nesse conflito, o campo semântico é reconfigurado, fazendo com que certos conceitos e expressões sejam automaticamente vinculados a um espectro político para, assim, serem deslegitimados. Os *direitos humanos* se tornam *defesa de bandido*, a *crise do meio ambiente* se torna *ataque ao agronegócio e às indústrias*, a *defesa de minorias* se torna *identitarismo e conspiração globalista*, a *liberdade de expressão* se torna *liberdade de ofensa*. A nuance é silenciada e a literalidade predomina, marcando aquilo que deve ser claro, simples e reiterado, formas essas que encontram correspondência em bordões, *memes* e falas ensaiadas. A superabundância de informações se torna meio de apagamento, divisão e interdição do debate público via excesso de dados, canais e interlocutores.

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Conforme explicado, é esperado que tais mudanças produzam impactos multifacetados, e mesmo que alguns acontecimentos tenham fornecido a base para outros — como no caso do poder econômico dos EUA possibilitar seu desenvolvimento tecnológico —, é importante perceber que esse desenvolvimento também é determinado por fatores culturais, políticos, ideológicos e estéticos. Sendo assim, o diagnóstico das condições de emergência de um discurso deve passar pela análise da pluralidade de acontecimentos que os possibilitaram, delineando os elementos e relações que compõem um grande conjunto de variáveis. Com isso, não se trata de encontrar *o evento-chave* que teria dado origem a um certo discurso, mas de compreender como essas variáveis se articularam de modo a condicionar os acontecimentos históricos e seus resultados, determinando os limites e possibilidades da agência dos sujeitos, das formas de organização social e das práticas discursivas em um contexto específico.

Mesmo que a emergência do discurso ubuesco no século XXI encontre ecos em acontecimentos do início do século XX — que também passou por um período de grandes crises econômicas e rápidas transformações culturais, políticas e tecnológicas —, tais semelhanças devem ser pensadas não como uma simples repetição do passado ou

consequências de uma natureza teleológica, mas como algo próximo de uma *rima*. Nessa perspectiva, as comparações históricas ainda são úteis para a leitura do presente, mas deve-se levar em consideração que o tempo não retrocede e nem para, mas avança em movimentos dissonantes que, por vezes, produzem *rimas históricas* com o passado. Esses movimentos são retratos de uma condição dada na história e que não pode ser repetida em sua integridade, são diferentes expressões daquilo que está colocado no tempo e no espaço em que eles ocorrem, mesmo que carreguem certas similaridades com acontecimentos passados.

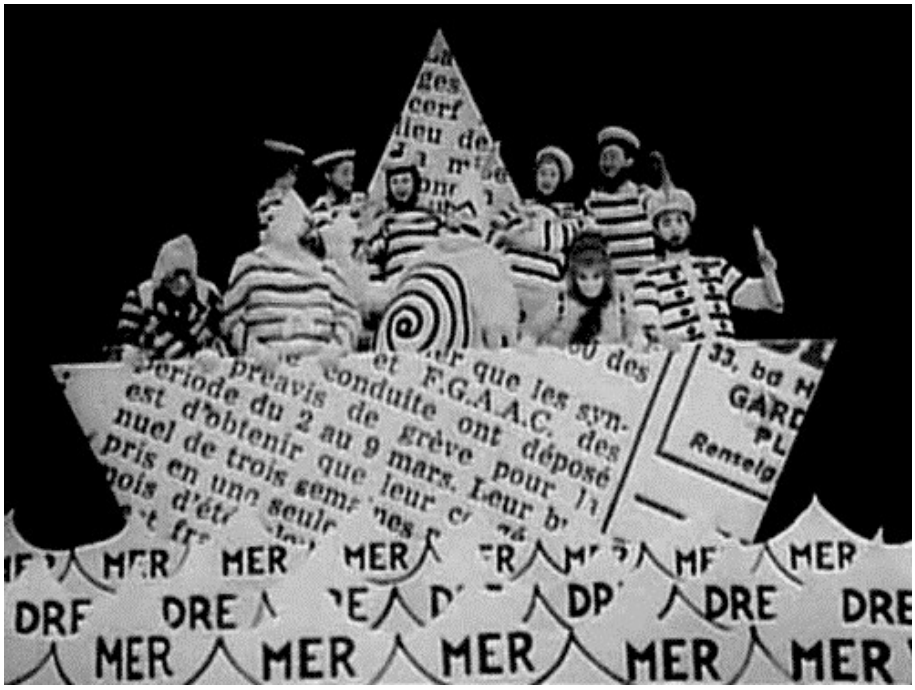
Apesar da aparente abstração dessas ideias, no fundo o objetivo com essas afirmações é simples: tentar estabelecer princípios de crítica ao discurso ubuesco. Enquanto alguns setores da esquerda tentam criticar o discurso da extrema-direita atual comparando-o às falas de fascistas históricos — o que é válido e, em certa medida, foi feito aqui —, os grupos de extrema-direita conseguem desarticular essas críticas ao afirmarem as diferenças (ou supostas diferenças) que eles possuem em relação a essas personalidades e ideias do passado. Logo, é preciso que a crítica seja capaz de apontar que as aproximações, as *rimas*, não se dão na aparência de similaridade, como se fosse preciso que certas ideias e nomes sejam expressamente ditos para daí se traçar semelhanças, mas sim no funcionamento do discurso.

É preciso entender que Ubu não é um indivíduo ou grupo — até porque nem todos aqueles que compõem a extrema-direita contemporânea compartilham do discurso ubuesco, além de ele também não estar restrito a um campo político (Fortes Ribas; Batista Candido, 2024) —, mas que ele é como um espectro que possui um determinado conjunto de propriedades adaptáveis a novos contextos históricos e sociais. Pouco importa se a qualificação de *fascista* serve ao Trump devido às particularidades históricas que o conceito carrega, importa que o grasnar dele soa de maneira semelhante aos de Mussolini, e se a intenção daqueles que não concordam em chamá-lo de fascista é evitar o uso deliberado de certos conceitos para não os esvaziar, que o vejamos, então, como uma nova encarnação de Ubu, alguém que tem outra aparência e outra vida, mas que fala e fede como o fantasma que lhe dá voz.

Enfim, nesse palco armado por Ubu e que constitui grande parte da realidade contemporânea, onde a transgressão é transformada em instrumento de governo pela extrema-direita e a crítica é anulada ao ser lançada em um espaço dominado pela paródia de si e dos outros, resta perguntar: *o que fazer?*

Talvez a alternativa seja resgatar a crítica e retirá-la desse palco, não para dobrar a aposta no ridículo e tentar enfrentar Ubu com suas próprias armas, mas para levar o combate para outro terreno. Se o governo de Ubu se baseia em planos mirabolantes e arbitrários, pode ser que a alternativa para o enfrentar seja recorrer à realidade. Caso seja este o caminho, talvez a análise crítica e a defesa da ciência, ou ainda, *ciências* — pensando-as em suas multiplicidades enquanto práticas históricas —, sejam as melhores formas de devolver Ubu às páginas de um livro.

Imagem 3 – Ubu fugindo da Polônia



Fonte: Ubu... (1965).

5 Conclusão

Este artigo propôs analisar como o indizível se torna dizível, tomando como base a ascensão do discurso de extrema-direita de Donald Trump. Para isso, o artigo partiu do conceito de discurso ubuesco — apresentado por Foucault para definir os discursos que funcionam por meio da desqualificação de quem os produz e que maximiza seus efeitos de poder através da demonstração explícita da sua arbitrariedade por meio do poder de matar, de definir a verdade e de fazer rir — para tentar demonstrar a sua atualidade para a compreensão do funcionamento de discursos políticos contemporâneos. Essa demonstração foi realizada via análise dos *posts* de Trump, demonstrando como o discurso do presidente estadunidense pode ser lido como um discurso ubuesco e indicando também que, longe de ser fruto de um evento anômalo, a emergência desse discurso faz parte da própria dinâmica das relações de poder em nossas sociedades que operam a partir de uma série de condições materiais dadas.

Com base nesse pensamento, o artigo também tentou demonstrar que a análise das condições de emergência desses discursos deve abandonar perspectivas que creem na mera linearidade ou na ciclicidade da história. Apesar das semelhanças com outros acontecimentos históricos, a emergência do discurso ubuesco no século XXI responde aos fatores de sua própria época, estando ligada a questões de cunho filosófico, político, econômico, tecnológico, estéticos etc. Logo, o estudo dessas condições não pode se basear em lógicas simplistas de previsibilidade — como, por exemplo, associar automaticamente a ocorrência de uma crise econômica à ascensão de movimentos de extrema-direita —, mas em perspectivas capazes de compreenderem simultaneamente uma ampla gama de fatores vinculados a

esses processos. Pensando nisso, este estudo propôs uma síntese de cinco categorias que podem contribuir para investigações desse tipo, tendo como objetivo facilitar a verificação de elementos importantes ao longo da análise e garantir a abertura para novas pesquisas.

Por fim, é possível dizer que o processo que faz o indizível se tornar dizível reflete os complexos movimentos das sociedades no tempo. Aquilo que é considerado como um progresso social para certos setores da sociedade são resultados de lutas contingentes sujeitas a diversos tipos de ataques, derrotas e reveses. Nesse sentido, é importante notar que o discurso ubuesco não é um mero artifício retórico, pelo contrário, ele possui consequências reais na implementação de políticas públicas que afetam a vida de milhares de pessoas, além de causarem o tensionamento do discurso político para posições mais extremas. Ao normalizar certas ideias, mesmo que elas não venham a se realizar, o caminho fica aberto para que novos grupos assumam esse espaço sob a promessa de finalmente colocá-las em prática.

Diante desse cenário, o que resta a este artigo são perguntas sobre como sair do palco de Ubu. Se, por ora, é difícil estabelecer táticas concretas para tal enfrentamento, pois elas são sempre contextuais, talvez seja possível estabelecer ao menos como princípio de ação a defesa de uma atitude crítica capaz de olhar para o presente à procura daquilo que deva ser defendido e lutar pela superação dos espectros que insistem em perdurar. Quem sabe, a escolha de se posicionar a favor das ciências que expõem os fantasmas de Ubu já sirva como esse princípio de enfrentamento contra aqueles que governam através de um poder arbitrário.

Referências

AVILA, A. *The Tech Billionaire to Fascist Pipeline*. [*S. l.*: *s. n.*], 26 jun. 2025. 1 vídeo (1h 33min 06s). Publicado pelo canal Alexander Avila. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=olhu9UhFGl4. Acesso em: 5 set. 2025.

BORGER, J. There Were no Weapons of Mass Destruction in Iraq. *The Guardian*. Washington, 7 out. 2004. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2004/oct/07/usa.iraq1. Acesso em: 5 set. 2025.

CADWALLADR, C.; GRAHAM-HARRISON, E. Revealed: 50 million Facebook Profiles Harvested for Cambridge Analytica in Major Data Breach. *The Guardian*. Washington, 17 mar. 2018. Disponível em: https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election. Acesso em: 5 set. 2025.

CATTO, A. Trump manda carta a Lula e anuncia tarifa de 50% sobre produtos brasileiros. *G1*. São Paulo, 9 jul. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/07/09/trump-manda-carta-a-lula-e-anuncia-tarifa-de-50percent-sobre-produtos-brasileiros.ghtml. Acesso em: 15 set. 2025.

CHAMAYOU, G. *A sociedade ingovernável*: uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado* – pesquisas de antropologia política. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAMOND, J. Trump Scolds NATO Allies Over Defense Spending. *CNN*. Brussels, 25 maio 2017. Disponível em: https://edition.cnn.com/2017/05/25/politics/trump-nato-financial-payments. Acesso em: 5 set. 2025.

FISHER, M. *A máquina do caos*: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. São Paulo: Todavia, 2023.

FORTES RIBAS, T.; BATISTA CANDIDO, G. O poder do riso e o poder que ri: duas formas da ridicularização de figuras de poder. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 10, n. 3, p. 342-363, 2024. DOI: https://doi.org/10.12957/riae.2024.84930.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, M. *Os anormais*: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JARRY, A. *Ubu Rei ou Os poloneses*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

KAYSER, W. *O grotesco*: configuração na pintura e na literatura. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LAGAZZI, S. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.

LEME, J. L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (org.). *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. *E-book*.

MILITÃO, E. Bolsonaro faz piada com PIB usando humorista Carioca em entrevista. *UOL*. Brasília, 4 mar. 2020. Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/04/apos-pib-desacelerar-bolsonaro-usa-humorista-para-evitar-assunto.htm. Acesso em: 15 set. 2025.

MR. FISH. *Ubu Trump*. 2017. Montagem digital. Disponível em: https://clowncrack.com/2017/05/01/ubu-trump/. Acesso em: 5 set. 2025.

MUSSOLINI, B. Discorso alla Camera dei Deputati (passato alla storia come "Discorso del bivacco"). *In*: WIKISOURCE. *Italia*—16 novembre 1922, Discorso del bivacco. Roma, 1922. Disponível em: https://it.wikisource.org/wiki/Italia_-_16_novembre_1922,_Discorso_del_bivacco. Acesso em: 5 set. 2025.

PEARLE, L. Trump Administration Admits Thousands More Migrant Families May Have Been Separated Than Estimated. *ABC News*, 4 fev. 2019. Disponível em: https://abcnews.go.com/US/trump-administration-unsure-thousands-migrant-families-separated-originally/story?id=60797633. Acesso em: 5 set. 2025.

SCHMITT, C. *O conceito do político/Teoria do Partisan*. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

SMITH, D. M. *Mussolini*. New York: Alfred A. Knopf, 1982.

SNOW, A. Crackdown on Immigrants Who Use Public Benefits Takes Effect. *Associated Press*. Phoenix, 25 fev. 2020. Disponível em: https://apnews.com/article/az-state-wire-phoenix-tx-state-wire-ny-state-wire-courts-e069e5a84057752a8535b1abe5d2ba6d. Acesso em: 5 set. 2025.

SODRÉ, M; PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2002.

SWANSON, A. Trump's Trade War With China Is Officially Underway. *The New York Times*. Washington, 5 jul. 2018. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180712201844/https://www.nytimes.com/2018/07/05/business/china-us-trade-war-trump-tariffs.html. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[1. Missão]*. X: @realDonaldTrump. 12 out. 2024a. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1844936990023950395. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[2. Fronteiras]*. X: @realDonaldTrump. 16 set. 2024b. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1835717973069197484. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[3. Migrantes]*. X: @realDonaldTrump. 15 set. 2024c. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1835315698169475316. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[4. ISIS]*. X: @realDonaldTrump. 1 fev. 2025a. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1885740103223648412. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[5. Irã]*. X: @realDonaldTrump. 17 jun. 2025b. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1935016557224050887. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[6. Certeza]*. X: @realDonaldTrump. 3 jan. 2025c. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1875050089305252190. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[7. Lei]*. X: @realDonaldTrump. 15 fev. 2025d. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1890831570535055759. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[8. Teste]*. X: @realDonaldTrump. 14 out. 2024d. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1845847872287424732. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[BRICS]*. X: @realDonaldTrump. 30 nov. 2024e. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1863009545858998512. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. *[Ofensas]*. X: @realDonaldTrump. 29 out. 2024f. Disponível em: https://x.com/realDonaldTrump/status/1852119259729822180. Acesso em: 5 set. 2025.

TRUMP, D. J. The inaugural address. *In*: THE WHITE HOUSE. Washington, 20 jan. 2025e. Disponível em: https://www.whitehouse.gov/remarks/2025/01/the-inaugural-address/. Acesso em: 5 set. 2025.

UBU roi. Direção: Jean-Christophe Averty. França: Office de Radiodiffusion Télévision Française, 1965. 1 filme (95 min).